



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11289 - Resumo Expandido - Trabalho - 4ª Reunião Científica da ANPEd Norte (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 01 - Educação Intercultural e Decolonialidade na Amazônia

**PROCESSOS EDUCATIVOS DA CAPOEIRA ANGOLA NA AMAZÔNIA PARAENSE:
UMA PEDAGOGIA DECOLONIAL.**

Alessandra Ferreiras Marinho - UEPA - Universidade do Estado do Pará

João Colares da Mota Neto - UEPA - Universidade do Estado do Pará

**PROCESSOS EDUCATIVOS DA CAPOEIRA ANGOLA NA AMAZÔNIA
PARAENSE: UMA PEDAGOGIA DECOLONIAL.**

Introdução

A Capoeira Angola é uma prática educativa que assim foi denominada a partir da década de 1930, quando a capoeira, que anteriormente era conhecida como da rua, sai do código penal e deixa de ser uma prática crime e passa a conformar-se em grupos ou escolas nos estilos: angola e regional, tendo como seus principais mentores mestre Bimba e mestre Pastinha. Nesse trilhar, “a capoeira constitui uma complexa manifestação da história e da resistência negra no Brasil, um lugar consagrado na memória histórica das lutas dos africanos e de seus descendentes” (ARAÚJO, 2005, p. 13).

Nesse contexto de resistência, a Amazônia, com destaque para Belém-Pa, apesar do pouco reconhecimento, também consta como uma das capitais mais antigas em que a capoeira esteve presente, desde a primeira metade do século XIX. Assim como no Rio de Janeiro, em Recife e em Salvador, a capoeira sempre esteve ligada a outras manifestações frutos da diáspora – samba, maracatu, samba de roda. Aqui no Pará, Vicente Salles, em seu trabalho “A defesa pessoal do negro – A capoeira no Pará”, afirma que a capoeira existiu e se justificou no passado entre interesses políticos e os brincantes do boi – bumbá. Segundo o autor, “os negros não só aprimoraram sua técnica, como ampliaram seus recursos de agressão ou de defesa, incluindo navalhas, facas, paus ou cacetes. Estes últimos instrumentos foram tomados do opressor.” (SALLES, 2004, p. 114).

O historiador Luiz Augusto Leal (2008) traz contribuições inovadoras no que se refere

à história da capoeira no Pará no período republicano, tendo como aporte de pesquisas em jornais da época e na literatura. Neste período, que dura até a década de 20 do século XX, a capoeira era uma prática de rua e não possuía a conformação de escola, como nos dias atuais, era tida como uma prática de vadiagem, a qual se desenvolveu tanto relacionada à autodefesa quanto em seu aspecto lúdico, misturado aos folguedos, aos bois bumbás e aos batuques, manifestações que na capital paraense estavam em desacordo com a conduta social considerada correta à época.

A partir dessa retomada histórica, assinalamos que a capoeira vem se firmando até os dias atuais enquanto uma prática educativa de resistência, sobretudo nas periferias. Dessa forma, o presente trabalho, a partir da pesquisa desenvolvida com um grupo de Capoeira Angola em Belém do Pará, assim como outros estudos já desenvolvidos no campo da Capoeira Angola que também se firmam enquanto práticas educativas apontou como problemática: como processos educativos existentes na prática da Capoeira Angola na Amazônia paraense configuram-se numa pedagogia decolonial?

Aportes teórico metodológicos

Assim demarcamos que esta pesquisa teve por lócus o um grupo de Capoeira Angola que desenvolve suas atividades com crianças, adolescentes e adultos do bairro da Terra Firme em Belém-Pa, tendo como sujeitos de pesquisa os participantes que já estavam a mais de cinco anos, incluindo a autora da pesquisa que é praticante dessa prática. Para a compreensão do estudo aponto a Investigação-Ação Participativa (IAP) como método de investigação, desenvolvida pelo sociólogo colombiano Orlando Fals Borda (1925-2008), um intelectual sentipensante, que unificou conhecimento crítico da realidade, processos de educação popular e processos de transformação social na luta por uma sociedade livre e emancipada aliada aos autores da rede modernidade/colonialidade, das pedagogias decoloniais e dos estudos africanistas. Para a produção dos dados recorreremos à investigação ação participante, pois a autora também faz parte do grupo pesquisado, além roda dialógicas, e de entrevistas semiestruturadas com lideranças e com os responsáveis das crianças que fazem parte do grupo.

Capoeira Angola: apontamentos de uma pedagogia decolonial.

A partir dos processos de resistir e reexistir que o grupo investigado enfrenta para o ensino da Capoeira Angola, como uma manifestação que traz a história e a memória dos africanos e dos afro brasileiros, analisamos que as negações a esta manifestação são impostas por uma estrutura colonial, que “produziu as discriminações sociais que posteriormente foram

codificadas como “raciais”, “étnicas”, “antropológicas” ou “nacionais” (QUIJANO, 1992, p.2). Tais discriminações vieram introjetadas em um projeto de modernidade que se estabeleceu como único, que subalterniza e inferioriza todos que estão fora dela. A imposição desse padrão de poder se sustentou na escravidão e da invisibilidade das diversas identidades das populações negras e indígenas, estabelecendo uma violência que se estruturou na superioridade do branco e tendo na categoria de raça o elemento fundamental de manutenção da colonialidade do poder "El patrón de dominacion entre los colonizadores y los otros fue organizado y establecido sobre la base de la idea de "raza"” (QUIJANO, 1997, p. 120).

Baseada na análise do autor, percebemos como o discurso sobre raça e o passado colonial frente ao continente africano é mobilizado e inferiorizado, sendo possível identificar que apesar do fim do colonialismo, a ideia de raça ainda é uma estrutura discursiva sobre as quais os atores sociais traçam suas ações e reproduzem as hierarquias de poder. Além disso, Quijano ainda traçou elaborações sobre a colonialidade do saber que coloca o conhecimento eurocêntrico numa perspectiva hegemônica, a colonialidade do ser que categoriza o binarismo primitivo versus civilizados, cultos versus incultos. Ainda nessa linha de elaboração, a autora norte-americana Catherine Walsh (2009) acrescenta a colonialidade cosmogônica ou da mãe natureza que nega as cosmovisões africanas e indígenas.

Diante dessas situações, a Capoeira Angola cumpre um importante papel de combate a essas colonialidades, primeiramente pelo sentimento de pertença identitária, pois imprime aos seus participantes a valorização da sua história cotidianamente negada, sobretudo nos ambientes escolares. Promove também, em sua própria estrutura, pautada na circularidade, uma visão outra de mundo, que se contrapõe ao individualismo e promove o comunitarismo.

Entre os elementos que compõe a Capoeira Angola, a musicalidade é essencial na constituição de saberes outros, pois possuem elementos totalmente orgânicos, desde os instrumentos, como o berimbau, até as cantigas que tem nos seres da natureza suas principais metáforas, além do próprio ritual em que a reverência parte da mãe terra.

Igualmente, a partir da pesquisa identificamos que as colonialidades e a exploração capitalista estão presentes na vida dos sujeitos que participam do grupo de Capoeira Angola de diversas formas, refletidas cotidianamente não só na desigualdade econômica, mas também nas violências física e epistêmica, que sofre a população preta e pobre. Nesse sentido, a Capoeira Angola, ao estar entranhada nas periferias, como o bairro da Terra Firme, vivencia cotidianamente essas colonialidades. Dado que desde o período colonial e do processo de luta pela libertação da condição de escravo, poucas foram as políticas de planejamento de moradia, de educação, de emprego para o povo preto, além de permanecer a colonização do imaginário que subalternizou o ser e o saber dos africanos e afrodescendentes. Tais ausências por parte do poder público, assim como as negações dos sujeitos que são subalternizados são sentidas e refletem diariamente na vida de parte daqueles que, na realidade do bairro da Terra Firme praticam a Capoeira Angola. Tais colonialidades ocorrem também pela negação do corpo preto e no que concerne às crianças, praticar a Capoeira Angola é também enfrentar,

sobretudo, na escola os comentários discriminatórios que se referem a essa manifestação como “macumba”, tal como propagado pela visão neopentecostal, entre outras situações explanadas nesse estudo.

Nessa perspectiva, numa totalidade complexa que envolve lutas e contradições é que manifestações políticas, sociais e culturais, a exemplo da Capoeira Angola que resistem às negações epistemológicas e ontológicas impostas pela colonialidade, provocando fissuras nos projetos impostos pelo capitalismo e pela racionalidade moderna, é que alguns autores vêm discursando sobre o paradigma decolonial, o qual “lucha por formentar la divulgación de outra interpretación que pone sobre el tapete uma visión silenciada de los acontecimientos y también muestra los limites de uma ideológica imperial que se apresenta como la verdadera (y unica)” (MIGNOLO, 2007, p. 57).

Desse modo, ao pensarmos o contexto educacional brasileiro, percebemos que historicamente esse país tem importado modelos educacionais que desconsideram outros saberes produzidos em contextos das práticas daqueles que são inferiorizados pela modernidade, prevalecendo o modelo hegemônico de saber constituído a partir das instituições. Em vista disso, não há uma valorização da manifestação da capoeira enquanto um ambiente em que se perpassam saberes, aprendizados, pedagogias. O que há são constantes tentativas de se ajustar esta prática somente como um esporte nacional, ou mesmo dentro uma visão folclorista nas escolas. Não estamos dizendo que a capoeira não deve estar no chão ou no currículo escolar, o que não pode é se adequar ao mesmo modelo da educação formal, em que são em média, na educação básica, 40 alunos por sala e dependendo da disciplina um mesmo professor tem até 20 turmas. A capoeira deve estar na escola seguindo o seu viés de contraposição a racionalidade moderna.

Nesse caminho, a Capoeira Angola mantém o seu papel transgressor em seus espaços de origem – terreiros, barracões, associados a outras manifestações afro-diaspóricas: aos sambas, aos bois-bumbás, ao tambor de crioula, ao carimbó, os quais também se constituem enquanto espaços educativos. Assim, a educação nesse estudo foi fundamentada em bases epistemológicas que compreendem o fenômeno educativo como uma dimensão da cultura; que apresente a necessidade de conceber uma educação que rompa com a herança deixada pelo colonialismo e que se contraponha ao modelo da colonialidade/modernidade. Como expressado por Arroyo (2012) uma educação que esteja voltada para o sujeito e não para o tecnicismo. Processos educativos que não apenas desestabilizem a pedagogia hegemônica, mas que construam outras pedagogias. Nesse sentido, corroboramos com a necessidade de “reeducar a sensibilidade pedagógica para captar os oprimidos como sujeitos de sua educação, de construção de saberes, conhecimentos, valores e cultura” (ARROYO, 2012, p.27).

Desse modo, compreendemos que a Capoeira Angola, ao não se submeter ao pensamento moderno/ocidental, ultrapassa a proposta do multiculturalismo neoliberal e da interculturalidade de corte funcional apontados por Walsh. Esses elementos funcionam “como dispositivos de poder que permitem a permanência e o fortalecimento das estruturas sociais

estabelecidas e sua matriz colônial” (WALSH, 2009, p. 13). Assim como um projeto de interculturalidade crítica, pois questiona desde sua criação até os dias atuais as estruturas de poder estabelecidas, mantendo o elo com a África como referência, além de suas cantigas que trazem a história contada pelos próprios sujeitos que a vivenciaram e vivenciam e que se contrapõe à história oficial. A autora, supracitada, ainda aponta que a interculturalidade crítica não está somente na diversidade étnico-cultural, mas também tem como foco a ciência, estando em consonância com a decolonialidade. O que nos leva a vislumbrar que a capoeira, por meio dos seus processos educativos pautados nos valores civilizatórios africanos, qualifica os sujeitos na produção de outras pedagogias, pedagogias decoloniais que “incitam las posibilidades de estar, ser, sentir, existir, hacer, pensar, mirar, escuchar y saber de otro modo, pedagogias enrumbadas hacia y ancladas en procesos y proyectos de carácter, horizonte e intento descolonial” (WALSH, 2013, p.28). De tal modo que se presume que a decolonialidade expressa na América Latina esteja imbuída de africanidades, a exemplo do que é vivenciado pela Capoeira Angola.

Logo, entre as práticas que apontamos como pedagogias decoloniais na pesquisa estão a observação; a ginga; o jogo dois a dois, em que a dinâmica se dá com perguntas e respostas feitas pelo próprio corpo; a musicalidade, a pequena roda, que é o ritual em que há oito tocadores e os outros jogadores, formando um círculo; além das rodas de conversa entre os participantes e as articulações com os movimentos sociais, quando dizemos que saímos da pequena e vamos para a grande roda. Desse forma, o grupo de capoeira estudado está firmado na periferia e trabalha além dos elementos que fundamentam a Capoeira Angola - ancestralidade, oralidade, ritualidade, memória coletiva e pertença comunitária, a história dessa prática cultural e a reflexão sobre a realidade que hoje vivem as periferias no Brasil e, sobretudo, na Amazônia, como: a falta de saneamento, o desmonte da educação, o desemprego, o racismo, o extermínio da juventude negra, além dos casos de machismo e feminicídio. Acreditamos, assim, que a Capoeira Angola, enquanto uma manifestação afro-diaspórica nos subsidia para enfrentarmos essas ausências e violências promovidas pelo estado e pela matriz colonial.

Dessa forma, a Capoeira Angola é essa referência outra que se fundamenta nos valores civilizatórios africanos, que estabelece formas outras de ensinar e de aprender. Uma prática que traz o negro como referência e toda a sua historicidade, que não perpassa somente pela escravidão, como por anos os livros didáticos trouxeram, reforçando o estigma do negro enquanto sujeito escravo. Mas sim, que nas suas cantigas e em seus movimentos narra as lutas e os feitos heroicos do povo negro no Brasil e na Amazônia.

Em oposição ao quadrado das salas de aula, traz a circularidade, demarcando não apenas uma outra forma geométrica, mas um modo de vida, em que a energia e a existência de um dependem do outro. É uma prática cultural embasada na ancestralidade, em um sistema de linhagens, em que temos que saber quem veio antes, quem trouxe o saber até aqui, para continuarmos. Uma aversão a individualidade alimentada pelo capitalismo e pelo sistema de progresso da modernidade/colonialidade.

Nesse sentido, a Capoeira Angola, a partir das vivências do grupo pesquisado, ao desenvolver suas atividades, mostra-se como um importante campo de fortalecimento político, social e educacional, pois, constitui uma resistência constante, uma luta que perpassa pela própria existência. Além do que a interpretação dessa prática afro-diaspórica na Amazônia pode fornecer ao próprio sistema formal de educação formas outras que possibilitem as crianças e jovens a percepção de sujeitos ativos de sua própria história, além de fortalecer os estudos sobre africanidades na Amazônia.

Conclusões.

Diante do desenvolvimento da pesquisa foi possível compreendermos que o grupo pesquisado desenvolve suas práticas cotidianas aliando os elementos presentes nos processos educativos da Capoeira Angola: movimento, musicalidade, roda, jogo, rodas de conversas as suas problemáticas sociais, logo podemos dizer que esse cruzamento traduz uma outra pedagogia de cunho contra hegemônico, tanto por ter como base os princípios de cosmovisão africana assentados na ancestralidade, oralidade, memória coletiva e pertença comunitária, como também por estar alinhada a luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

Dentre as diferenças que atravessam essa prática no contexto amazônico, o grupo traz em seus saberes as relações com outras manifestações culturais como Boi Bumbá e o Carimbó, além da localização em um bairro periférico, a Terra Firme, o qual sofre constantemente com as lacunas do Estado, sobretudo nos períodos de chuva, o que origina aos sujeitos que do grupo participam, não só a consciência desse lacunas, mas o experimentar que se transforma em luta.

Ademais, apontamos no desenvolvimento dessa pesquisa que os saberes e processos educativos advindos da Capoeira Angola questionam a episteme eurocêntrica, tanto por todo o processo de luta e resistência de corpos que foram escravizados e usaram a capoeira como instrumento de luta, ainda desdobrando, após esse período, em uma prática crime, até os dias atuais em que constantemente vem resistindo e (re) existindo.

Palavras-chave: Processos educativos. Pedagogia decolonial. Capoeira Angola

Referências

ARAÚJO, Rosângela C. Iê, viva meu Mestre: a Capoeira Angola da escola pastiniana' como práxis educativas. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

ARROYO, Miguel G. Outros Sujeitos, outras pedagogias. Petropolis, RJ: Vozes, 2012.

FALS BORDA, Orlando. Por la práxis: el problema de como investigar a realidade para transformala. In: FALS BORDA, orlando e al. Crítica y política enCienciasSociales: el debate sobre teoria e prática. Bogotá: Punta de Lanza, 1978.

_____. Conocimiento y poder popular: Lecciones com campesinos de Nicaragua, México, Colombia. Bogotá: Punta de Lanza; Siglo Veintiuno Editores, 1985.

LEAL, Luiz Augusto Pinheiro Leal. **A política de capoeiragem**: A história social da capoeira e do boi-bumbá no Pará republicano (188-1906). Salvador: EDUFBA, 2008.

MIGNOLO, Walter. La idea de America Latina: La herida colonial y la opcion dececolonial. Editirial Gedisa, 2007b.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y Modernidad-Racionalidad. In: BONILLO, Heraclio (comp.) *Los conquistados*. Bogotá: Tercer Mundo Ediciones; FLACSO, 1992.

_____. "Colonialidad del poder, cultura y conocimiento en América Latina", en Anuario Mariateguiano, vol. IX, no.9, Lima, 1997.

Salles, Vicente. A defesa pessoaç do Negro - A capoeira no Pará. O negro na formação da sociedade paraense. Belém. Parakatu, 2004.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e reviver. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). Educação Intercultural na América Látina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

_____. Lo pedagógico e lodecolonial: Entrejiendo caminos. In: WALSH, C. (Ed). Pedagogias decoloniales: praticas insurgentes de resistir (re) existir e (re)vivir. Quito: EdicionesAbyaYala, 2013.